



## A FORMAÇÃO DE FORMADORES E O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM UM PROJETO DE ESPORTE E LAZER EM ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA<sup>1</sup>

Marcelo Pereira de Almeida Ferreira  
Amanda da Silva Rocha,  
Antonia Aline Reis Santos  
Glauciane de Lima Cavalcante  
Jackson de Almeida de Souza  
José Antonio Guilherme Júnior  
Jucimeire Rocha Macedo  
Patrícia Lima Nojosa  
Raquel Sousa da Silva  
Tábita Cristina Modesto Nascimento  
Wanderley Conrado Lima  
Vanessa França da Silva

### RESUMO

*O presente trabalho trata da questão da Formação de Formadores presente na formação superior e, em particular, no Projeto de Extensão Formação de Jovens Educadores/as Sociais para o Esporte e Lazer em Áreas de Reforma Agrária da FEF/UFPA/Castanhal. Trata da problemática em torno da formação de Estudantes Universitários que atuam na formação de Jovens Educadores/as Sociais de Esporte e do Lazer de uma comunidade assentada. Constituído a partir da Organização do Trabalho Pedagógico, do Planejamento e Organização de ações de Formação de Formadores e na Organização de Grupo de Estudos para Formação, apresentamos as ações desenvolvidas na formação de formadores, seus resultados e os limites e possibilidades deste tema em um projeto de extensão.*

*PALAVRAS-CHAVE: Formação de Formadores; Trabalho Pedagógico; Esporte e Lazer*

### INTRODUÇÃO

O processo de Formação Superior, com especial atenção à Formação de Professores nas Universidades Públicas brasileiras, recebe pontual atenção neste trabalho, por se tratar de um processo que busca ir além do mero movimento de formar professores durante um curso superior. Trata-se de construir, durante esse processo de formação, elementos que balizem a formação de formadores, ou seja, sujeitos que durante o seu processo de formação universitária já construam os caminhos para ampliar seu próprio processo de/em formação

<sup>1</sup> Trabalho com financiamento do PROEXT 2013 – MEC/Secretaria de Educação Superior – Edital nº 02 – Programa de Extensão Universitária

junto a outros segmentos da sociedade, em particular, segmentos que estão distantes do acesso à formação superior, principalmente à Universidade Pública.

É neste sentido que entendemos que um projeto de Extensão – particularmente em uma Universidade Pública – precisa estar sintonizado com o processo de formação acadêmica e de sistematização do conhecimento (ensino e pesquisa, respectivamente), além de afirmar seu lugar enquanto projeto e universidade. Portanto, para que possamos pensar, significativamente, em um projeto afinado com o tripé ensino/pesquisa/extensão, a defesa da Universidade Pública e socialmente referenciada é condição *sine qua non*. Assim entendido, destacamos que o processo de Formação de Formadores com Estudantes de Ensino Superior que tratamos neste documento tem, como sujeitos da formação, jovens militantes culturais em Áreas de Assentamento Campesino de Reforma Agrária, na região nordeste do Pará. Este projeto de extensão trata de uma ação da Faculdade de Educação Física da UFPA/Campus de Castanhal, que tem como objetivo a formação de Educadores e Educadoras Sociais para o Esporte e Lazer em áreas de Reforma Agrária, em funcionamento desde setembro de 2010.

Destacamos, portanto, o Projeto de Extensão “Formação de Educadores e Educadoras Sociais para o Esporte e Lazer em Áreas de Reforma Agrária”, vinculado à Faculdade de Educação Física da UFPA/Campus Castanhal e que dialoga com a comunidade do Assentamento João Batista II, localizado no acesso do KM 86 da BR 316, em Castanhal. As atividades são direcionadas ao atendimento direto dos jovens assentados nesta mesma comunidade, sendo estes os sujeitos que estão em processo de formação, em conjunto com os estudantes do curso de Licenciatura Plena em Educação Física e Pedagogia envolvidos no projeto e que se caracterizam como os formadores em formação.

O foco, portanto, desta produção, é apresentar e refletir acerca da Organização do Trabalho Pedagógico junto com Jovens Formadores de Jovens Militantes Culturais de Esporte e Lazer em áreas de assentamentos campestinos na região norte brasileira, sua organização metodológico e os avanços e obstáculos que este processo desenvolveu até o momento. Trata-se, assim, de estabelecermos um processo amplo e ímpar de formação, a partir de uma relação recíproca de jovens formadores e em formação com jovens afastados de seu direito amplo e irrestrito de formação (dentre outros direitos).

## JUVENTUDE E FORMAÇÃO:

Partimos do seguinte pressuposto acerca do jovem, enquanto sujeito histórico e presente de nossa sociedade: ee por um lado, o contexto de organização e formação da

juventude destaca sua capacidade de organização e mobilização, no Brasil<sup>2</sup> e mundo afora<sup>3</sup>, por outro, e em particular a juventude marginalizada no campo e nas periferias da cidade, cada vez mais é empurrada para longe das melhores condições de educação, trabalho e qualidade de vida. Neste aspecto, contamos com um intenso processo de urbanização do campo (das águas e da floresta), em todos os aspectos da vida humana (econômica, cultural, educacional, alimentar, mídia, lazer etc.) que, de maneira permanente, expulsa principalmente a juventude do campo para a cidade, num “moderno” processo de êxodo rural.

Nesse sentido, nos deparamos com uma contraditória escalada mundial de mobilização e organização contra o avanço do Capital, ao mesmo tempo em que identificamos uma “conformação” das tensões entre Capital e Trabalho na juventude atual, particularmente, na juventude brasileira. Este estado conformativo, evidentemente, não se caracteriza pela aceitação consciente e lúcida do estado da arte econômico, cultural, social e político de nosso país mas, sobretudo, do processo de persuasão que marcos da elite brasileira (sobretudo a mídia e a indústria cultural) tem sobre a juventude, seus hábitos e costumes e, portanto, suas metas de vida. Essa expressão evidencia-se, por exemplo, no Ensino Superior brasileiro.

Quando pensamos no Ensino Superior público brasileiro, é quase que unanimidade associarmos esse nível de formação com o segmento da juventude. Dados do INEP, entretanto, apontam que essa linha de acesso à juventude ainda está na casa dos 25 anos de idade, principalmente nas Universidades das regiões NO e NE brasileiro e, mais particularmente ainda, nos cursos de Licenciatura. Em 2010, quase 40% dos estudantes de curso superior tinham, em média, acima de 25 anos, indicando uma idade de entrada em torno de 19 anos de idade<sup>4</sup>. Se considerarmos o fato de cerca de 69% dos estudantes de nível superior na região NO ainda advêm das faixas sociais concentradas nas chamadas faixas “C, D e E”, é importante percebermos o quanto que as questões de ordem econômica e pessoal destes estudantes (e suas famílias) os pressionam a uma relação direta entre Universidade e Mercado de Trabalho e isso leva – como sabemos – a busca por “estágios” remunerados de baixa qualidade, com limites para sua formação (e, muitas vezes, concorrendo diretamente com ela) e em situações de exploração salarial e de trabalho. Nesse sentido, a busca por

---

<sup>2</sup> Damos destaque à organização, no Brasil, da 1ª Jornada de Lutas da Juventude Brasileira, mobilizada por Movimentos Sociais do Campo e da Cidade – como o MST, a Via Campesina e o Levante Popular da Juventude – o Movimento Estudantil e a Juventude de Partidos Políticos, e lançada oficialmente em 25 de fevereiro, em São Paulo.

<sup>3</sup> Exemplo recente é a retomada das mobilizações estudantis por educação pública, gratuita e de qualidade no Chile.

<sup>4</sup> Censo da Educação Superior 2010 – Resumo Técnico – INEP/2010.

experiências mais significativas de formação passaria ao segundo plano ou, como aponta VALENTE, 2006, seriam “conhecimento inútil” para sua formação.

Também é preciso destacar que existe uma interpretação “uniformizante” sobre este segmento – interpretação, essa, muito mais concentrada nas questões afetas a elementos de idade, transformação psicológica e das mudanças maturacionais – e que inclusive universalizam-se por serem definidas por instituições como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que, em particular, constroem um conceito de juventude na perspectiva de “limites mínimos de entrada no mercado de trabalho” e “nos limites máximos de término da escolarização formal básica” (CASTRO, 2012, p. 438/439)

Tal leitura sobre a situação da juventude se revela, também, na realidade local onde o Projeto em questão se desenvolve, desde 2010, no nordeste do Estado do PA. Neste particular, aproximamos nossas reflexões também sobre o “jovem camponês” ou “jovem do campo”. Trata-se do mesmo segmento (a juventude) que, em parte quantitativamente perceptível também já se encontra no espaço da Universidade<sup>5</sup>. Ainda que não existam estudos sistematizados sobre o assunto, mesmo empiricamente – a partir de diálogos em eventos pontuais, debates em sala de aula e processos seletivos para bolsa de estudos em pesquisa, extensão ou trabalho – é possível constatar que a passagem destes estudantes tem, como uma perspectiva, construir outro caminho, que não o de sua origem, para após a formação superior.

CASTRO (op. cit.) nos ajuda a compreender esse segmento, a partir da origem que aqui denominamos camponesa:

Os jovens estão indo embora! Essa expressão sintetiza uma imagem do jovem do campo no Brasil. A juventude do campo é constantemente associada ao problema da ‘migração do campo para a cidade’. Contudo, ‘ficar’ ou ‘sair’ do meio rural envolve múltiplas questões em que a categoria jovem é construída e seus significados, disputados. A própria imagem de um jovem desinteressado pelo campo contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais (CASTRO, 2012, p. 439).

Conforme o comentário acima, evidenciamos um moderno e modelo de êxodo rural contemporâneo (mas não antagônico em relação ao avanço das migrações do campo para a cidade dos anos 50 a 70 do século passado) em que não apenas as questões referentes a emprego são postas em xeque na transição do jovem campesino ao urbano. O próprio modo

<sup>5</sup> Universidade Federal do Pará, sobretudo seus Campi do interior do Estado (são 10 Campi: Abaetetuba, Altamira, Bragança, Breves, Cametá, Capanema, Castanhal, Marabá, Soure e Tucuruí), aglutina significativa população de jovens estudantes vindos das áreas rurais do estado.

de ser campesino e urbano entra em confronto nos valores da juventude do campo, haja vista as informações culturais da cidade estarem infinitamente mais presentes nos lugares mais distantes do país do que outrora. Assim sendo, não dizer-se do campo significa adequar-se aos valores expressos no modo de se vestir, nas músicas (e a maneira de escutá-las), no acesso consumidor aos equipamentos tecnológicos etc., elementos esses que ainda entram em choque com o modo de viver no campo (ainda que já presentes neste espaço político-geográfico).

Por outro lado, e na contramão deste contexto acerca da juventude campesina, a juventude organizada do campo assume seu papel político e militante na organização de fóruns e consultas populares amplas e pontuais, específicas para o próprio segmento, mas atentas as questões gerais que mobilizam a nação. A Jornada de Lutas da Juventude Brasileira (nota de rodapé 2, deste artigo) é uma boa manifestação desta capacidade mobilizatória que, retomando o diálogo com CASTRO (op. cit.). demonstra as manifestações de juventude do campo de maneira mais presente no cenário nacional.

Juventude é hoje uma categoria acionada para organizar aqueles que assim se identificam nos movimentos sociais do campo. Nos anos 2000, observamos um intenso processo organizativo dos jovens tanto nos movimentos sindicais (...) quanto nos movimentos que fazem parte da Via Campesina Brasil (...). (CASTRO, 2012, p. 440).

Portanto, estabelecer o diálogo e confronto de conceitos sobre o jovem do campo (fugindo de sua origem campesina ou mobilizando-se para reafirmar sua origem campesina) e a juventude que hoje se encontra em formação na Universidade Pública brasileira é estabelecer a condição de organização e mobilização da classe trabalhadora, não apenas do campo (mas prioritariamente essa, considerando-se o fim objetivo deste artigo), mas para a sociedade como um todo.

Significa aprofundar o que a própria Jornada de Lutas da Juventude Brasileira apresenta como pauta central, incluindo as questões mais profundas do campo do Esporte, da Cultura e do Lazer como importantes para a formação da sociedade brasileira como um todo e da juventude do campo em particular. Nesse sentido, ampliar e integrar ao debate da Agenda da Reforma Agrária e da Formação Superior Pública brasileira os temas propostos na Jornada (Educação, Reforma Agrária, Comunicações, Comissão da Verdade e Reforma Política), temas outros como saúde, formação política, meio ambiente, cultura, esporte e lazer, esses dois últimos maciçamente presentes ainda sob a forma de “ocupação de tempo livre” e de consumo de bens culturalmente massificados.

## JUVENTUDE E ESPORTE E LAZER:

Compreender o lugar do Esporte e do Lazer no debate sobre juventude do campo e, nesta, sobre a Formação de Formadores, nos leva a apontar, aqui, o “lugar” deste debate. Em FERREIRA et.al (2011), temos a exata expressão deste entendimento: “entender o campo do esporte e lazer como parte das determinações sociais construídas no bojo da luta por terra e condições concretas de qualidade de vida na realidade camponesa brasileira”. (p. 3).

Neste sentido, dialogamos com COLETIVO DE AUTORES, na perspectiva de entender o esporte e o lazer como categorias da cultura corporal e, nesta, das relações de produção cultural e, portanto, fenômenos concretos e historicamente construídos e determinados pelas relações de capital e trabalho e, também, pela ação consciente do homem (humanidade).

Como em todo país (guardadas as devidas proporções de qualidade de vida, de políticas públicas, de organização coletiva comunitária etc.), a região norte brasileira carece de condições concretas à garantia de opções à sociedade como um todo, e à juventude neste particular, de organização da cultura, do esporte e do lazer. Espaços e equipamentos sucateados ou com práticas corporais e esportivas hegemônicas (o esporte, o futebol, o masculino), ausência de qualquer política de organização e/ou animação cultural, inexistência de participação popular na organização dos tempos de espaço e de lazer, a centralização (e urbanização) dos espaços e/ou ações de cultura e lazer; a ausência de espaços e expressões do Teatro e Cinema dentre outros.

Se focarmos nossa atenção ao campo, às águas e à floresta<sup>6</sup>, estamos pensando um fenômeno, um direito constitucional em uma região de inúmeras manifestações laborais e culturais expressas na enorme variedade de comunidades camponesas, quilombolas, indígenas, ribeirinhas, dentre outras e que se organizam (e resistem) por suas necessidades educativas, econômicas e culturais pouco conhecidas e compreendidas pelo povo brasileiro, pelo Estado e pela Universidade, principalmente na ausência e distância destas duas últimas.

Trata-se, portanto, de estabelecer uma posição histórica e de classe sobre o olhar desta prática social (o esporte, o lazer e a cultura) em uma região que, sob a avidez do Projeto Histórico Capitalista, tem valor – assim como as demais riquezas amazônicas – apenas por sua mais valia e seu valor especulativo. Ao destruir-se uma região em suas riquezas materiais, minerais e ambientais, destroem-se também suas riquezas culturais e, conseqüentemente, sua juventude.

---

<sup>6</sup> É preciso considerar, para essa expressão – do Campo, das Águas e da Floresta – a condição geográfica e de lutas da região norte brasileira, marcada pela presença de comunidades camponesas, ribeirinhas e indígenas estabelecidas territorialmente por lutas e conquistas sociais e, ao mesmo tempo, pela tensão das grandes corporações do capital e a anuência do Estado brasileiro nestas tensões.

## A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DE FORMADORES:

O processo de Organização do Trabalho Pedagógico na Formação de Formadores (com foco na formação de Educadores/as para o Esporte e Lazer em áreas de Reforma Agrária) tem, como base teórico-metodológica, o Método Didático (SAVIANI, 1995) e, em grande parte (considerando, evidentemente, a própria necessidade de incorporar elementos de lazer que vão além dos conteúdos da Educação Física propriamente dita), fundamentada em COLETIVO DE AUTORES para com o trato das práticas e vivências corporais, presentes na maior parte do desenvolvimento do projeto em questão.

Compreender e construir um processo formativo de universitários (a formação acadêmica) e, ao mesmo tempo, colocá-lo (o processo) frente a outro e concomitante processo de formação é, à bem da verdade, uma relação desafiante, mas e ao mesmo tempo, aproximadora da real vocação da Universidade Pública brasileira. Se é socialmente referenciada (e deveria ser), a aproximação e a relação regular e cotidiana com a população que está no entorno físico desta universidade deve ser fazer presente. Assim o sendo, entendemos que a formação de formadores é quase condição da existência da Universidade Pública brasileira.

Nesse sentido, é importante considerar que, numa perspectiva didática de organizar as ações deste processo, compreender que ele, necessariamente, desenvolve-se em duas frentes, únicas no seu todo, mas com suas particularidades.

A primeira, no Campus Universitário da UFPA/Castanhal, onde realizamos as seguintes ações cotidianas: a divulgação permanente do Projeto e organização de parcerias com as Faculdades interessadas; a seleção de estudantes bolsistas e voluntários para o desenvolvimento do Projeto (e, com um curso que proporciona a entrada semestral de novos estudantes, esse processo caracteriza-se como bastante dinâmico e permanente); a organização de grupos de estudos e formação de estudantes bolsistas e voluntários (referencial teórico e estudo da realidade); o planejamento de ações de mobilização, organização de vivências e de formação de jovens assentados e; a realização de ações pontuais no Campus da UFPA.

A segunda, no Assentamento João Batista II, onde atuamos com as seguintes frentes de trabalho: a organização e estruturação de ações de mobilização e estudo da realidade em conjunto com a comunidade do Assentamento João Batista; a organização de Oficinas de

esporte e lazer com jovens assentados participantes do Projeto; a organização de tempos e espaços de estudo e formação de jovens educadores/as do campo; a organização de Festivais de Cultura Corporal regulares no Assentamento João Batista e; a formação de frentes de Esporte e Lazer no Assentamento João Batista.

É neste perspectiva que ao trabalharmos na perspectiva da Formação de Formadores destacamos, a seguir, as particularidades deste processo que se apresenta, também, como objetivos do Projeto de Extensão em questão:

I – A Organização do Trabalho Pedagógico para com a Formação de Formadores do Projeto: que implica na organização das oficinas de formação (esporte, jogo, Direitos Humanos, Cinema Cabano), no planejamento da realização de oficinas com jovens assentados participantes do projeto e da sistematização das experiências realizadas e construídas;

II – O Planejamento e Organização de ações de Formação de Formadores: que se caracteriza pelas ações de planejamento coletivo entre os Formadores e destes com os jovens assentados em formação;

III – A Organização de Grupo de Estudos para Formação: que implica no aprofundamento de estudos que vão desde os elementos do Marco Teórico orientador do Projeto (de matriz marxista) até a apropriação do seu referencial teórico-metodológico.

Considerando-se a opção teórico-metodológica deste processo, destacamos como exemplos pontuais, algumas ações, a partir dos objetivos acima tratados, especificamente, as Oficinas de Formação desenvolvida com Jovens Assentados, fruto do processo de Formação de Formadores:

I – Oficina de Direitos Humanos e de Lazer: que se caracterizou como um processo de identificação, conceituação e sistematização das temáticas afetas ao Direito ao Esporte e ao Lazer crítico e criativo, com a constatação da necessidade de ampliação das vivências corporais expressos nos jogos (populares, tradicionais, de mesa, de salão), no esporte (e a ampliação das manifestações esportivas para além das tradicionais escolares – que no Assentamento João Batista limitam-se ao futebol e ao vôlei), na dança (com as já identificadas rodas de hip-hop entre os jovens assentados), na ginástica e em outras manifestações de lazer e, também, no olhar aos seus espaços de lazer, precisamente a praça do Assentamento.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Em março de 2013, a partir da realização de uma pesquisa de campo, realizada por bolsistas, universitários voluntários e jovens assentados junto à comunidade do Assentamento João Batista, setores de urbanização da Prefeitura Municipal visitava a comunidade, no sentido de estabelecer algumas benfeitorias estruturais. Durante a visita, alguns jovens já manifestavam sua inquietação sobre o não convite à juventude sobre o que deveria ser feito na Praça e, consequência disso, foi realizada ainda neste período uma nova



II – Oficina de Diversidade da Paisagem: caracterizou-se por uma pesquisa fotográfica e de catalogação dos diversos espaços e equipamentos de esporte, cultura e lazer identificados no assentamento: igarapés, quintais, equipamentos das praças, ruas, espaços livres da escola, campo de futebol etc.;

III – Oficina de Esporte e Jogos Cooperativos: caracterizadas pela apropriação, por parte dos jovens assentados participantes do projeto, de manifestações esportivas e de jogos. Deste trabalho, também destacamos as reconstruções das práticas esportivas (particularmente com o vôlei e o futebol, incluindo novas regras e fortalecendo uma relação mais dinâmica e participativa nestes práticas corporais) e dos torneios esportivos (que normalmente reproduziam o perfil meritocrático e competitivo de sua organização).

IV – Oficina do Cinema Cabano: construída a partir de uma ação pontual (exibir filmes e documentários, regularmente vinculados às datas alusivas às lutas populares, com debate ao final), esta dinâmica funcionava normalmente no Campus Universitário. Nos últimos meses, o coletivos de estudantes em formação se debruçaram nesta, no sentido de estabelecerem um processo metodológico que permitisse melhor apresentar a problemática do filme/documentário a ser exibido, estabelecer um mecanismo de registro (para melhor sistematizar as experiências à cada exibição), conduzir os debates para o diálogo do papel da Universidade (no ensino, na pesquisa e na extensão) e a sua relação socialmente referenciada com a comunidade. Além disso, e como desafio maior, levar a experiência para os jovens assentados participantes do Projeto e, conseqüentemente, à comunidade como um todo;

V – Oficina de estruturação da Praça do Assentamento: consequência dos trabalhos desenvolvidos na Oficina de Direitos Humanos e Lazer, levar os jovens participantes do projeto objetivarem o principal espaço de sua comunidade, de maneira a garantir uma relação diagnóstica (que implicava em sistematizar todas as experiências e vivências já desenvolvidas desde a chegada do projeto – jogos, esporte, brincadeiras, gincanas, reuniões, Festivais etc.) e propositivas (como pensar a praça, a partir do momento que o poder público local sinaliza uma intervenção urbanística) do espaço. Para além disso, a própria postura coletiva e mobilizadora não apenas da juventude, mas da comunidade como um todo de inverter a lógica de ação do poder público com a comunidade, no sentido de dizer qual a praça que serve aos anseios, vivências e experiências da comunidade.

---

oficina com a atenção pontual sobre a praça e uma possível reorganização espacial, a partir das vivências corporais que a comunidade já voltava a experimentar naquele espaço e os equipamentos necessários à ampliação e democratização do acesso e vivência, por toda a comunidade, de diferentes expressões de lazer na Praça.

É importante destacar que em todas essas experiências de organização das Oficinas, o processo manteve-se vigilante no seu marco didático-metodológico. Nesse sentido, pensar as oficinas a partir da Prática Social e seu retorno à uma Prática Social nova e construída coletivamente significa, efetivamente, partirmos das práticas esportivas convencionais e competitivas e reorganizá-las a partir de outros princípios de vivência (como o trabalho coletivo ou o trabalho socialmente útil).

No que diz respeito ao Planejamento e Organização de ações de Formação de Formadores, damos destaque pontual ao Planejamento realizado ao final de 2012 por bolsistas, voluntários e jovens assentados, em dois finais de semana (um na Universidade e outro no Assentamento João Batista II), de todas as ações que o Projeto desenvolveria (e desenvolverá) no Assentamento, bem como sua forma de organização (quantos Festivais por mês, quantas exposições de filmes, ações na Universidade, pesquisa de campo com a comunidade sobre as vivências de Lazer e de Tempo Livre etc.). Somam-se a essa ação de planejamento, as atividades desenvolvidas e planejadas pelos formadores no que diz respeito à organização de oficinas de formação para o posterior desenvolvimento das temáticas tratadas junto à comunidade atendida pelo Projeto (o Cinema Cabano, por exemplo).

Por fim, no que diz respeito à Organização de Grupo de Estudos para Formação, trata-se da ação pontual de estudos e debates sobre elementos de base conceitual do projeto e sua correspondente ação metodológica. Nessa ação, tem destaque os temas da Pesquisa Matricial, Método Didático, da Organização do Trabalho Pedagógico e da Concepção Crítico-superadora da Educação Física são centrais neste processo. Como consequência, a construção de artigos, resumos para Poster como forma de democratizar as ações que o projeto vem desenvolvendo nos últimos anos, bem como o planejamento de ações mais amplas de formação, a partir de eventos e seminários<sup>8</sup>.

#### ENTRE O “TANTO” QUE FIZEMOS E O “TANTO” A FAZER:

O Projeto de Extensão “Formação de Educadores para o Campo do Esporte e do Lazer em Áreas de Reforma Agrária” construiu, desde sua implantação em 2010, um acervo de conquistas significativo, ao mesmo tempo que não conseguiu, à bem da verdade, superar os obstáculos de ordem econômica e social que cercam a realidade do campo, sobretudo com a sua juventude, como destacamos no início deste artigo.

---

<sup>8</sup> Damos destaque ao Tapiri Pedagógico, evento realizada pela UFPA e pelo Fórum Paraense de Educação do Campo (vinculado ao Fórum Nacional de Educação do Campo) e realizada semestralmente no estado do PA, de maneira itinerante e a participação nos Encontros Nacionais de Licenciaturas do Campo, das Águas e da Floresta, com regularidade anual.

Ainda assim, é expressivo o avanço e fortalecimento do Projeto, inclusive na perspectiva de concretização do tripé da Universidade brasileira, o ensino, a pesquisa e a extensão.

Se considerarmos alguns números, apenas neles, não estaríamos sendo fieis aos avanços e obstáculos (ou o contrário), pontualmente, no objeto deste, a saber, a Formação de Formadores. Para tanto, basta registrarmos que desde 2010 passaram pelo projeto (além dos 15 estudantes que hoje temos, entre bolsistas e voluntários) 14 estudantes (destes, seis se formaram e dois continuaram no Projeto como Professores voluntários) e 11 jovens assentados (além dos 8 que hoje estão vinculados atualmente e das Educadoras do Assentamento que atuam com o projeto). Número expressivo, portanto, de jovens em formação, mesmo considerando a irregularidade deste processo para parte deles.

Evidente destacar aqui o quanto que as questões de ordem econômica, por um lado, e de identificação social (ser assentado), por outro, pesam nesta circulação de jovens no projeto. Estudantes universitários pressionados pela necessidade de renda para manterem, minimamente, as condições objetivas de estudo. Jovens assentados pressionados pelas questões econômicas (salário e emprego, número de pessoas – e bocas para alimentar – numa mesma família) e que, antes mesmo de chegarem aos 18 anos de idade, afastam-se do dia-a-dia do assentamento e passam a vivenciar a rotina urbana de serviços e estudos com seus conteúdos urbanizados (e, portanto, também afastados da possibilidade de uma Educação do Campo) ou precocemente conduzidos (principalmente as meninas) ao casamento.

Portanto, faz necessário reconhecermos os obstáculos para o desenvolvimento da Formação de Formadores dentro de um projeto de extensão mas, ao mesmo tempo, reconhecermos a persistência do mesmo, expressa na aproximação de novos estudantes logo nos primeiros semestres de sua vida universitária, ao mesmo tempo em que os jovens no assentamento também se renovam em rostos e esperança por uma vida melhor no campo.

O simples fato de construirmos, entre jovens universitários e jovens assentados, uma nova perspectiva de olhar e intervir, coletivamente, em seu espaço de organização de práticas corporais (a praça) e, também, de inserir novas dinâmicas de tempo livre (o Cinema) já é elemento de apropriação de uma nova forma de viver a comunidade assentada. Mais, ainda, o “simples” fato de estabelecermos relações de amizade e de luta se evidencia a cada encontro (no Assentamento ou na Universidade) e a cada despedida entre esses jovens. O muito a se construir no Projeto de Formação de Educadores e Educadoras para o Esporte e o Lazer em Áreas de Reforma Agrária (o chão da Formação de Formadores) só se vislumbra e se

compreende pelo muito já construído e sistematizado.

TRAINING OF TRAINERS AND PROCESS EDUCATIONAL ORGANIZATION OF  
WORK ON A PROJECT OF SPORT AND RECREATION AREAS OF LAND REFORM

ABSTRACT

*This paper addresses the issue of training of trainers present in higher education and, in particular, the Extension Project Youth Training Educators / Social for the Sporting Goods in Agrarian Reform Areas FEF / UFPA / Castanhal/PA/Brasil It's problematic about the formation of university students who work in the formation of the Young Educators / the Social Sport and Leisure in a community setting. Constructed from the Pedagogical Work Organization, Planning and Organizing actions for Trainers and Organization Study Group Training, we present the actions developed in the training of trainers, their results and the limits and possibilities of this theme in a project in length.*

**KEYWORDS:** *Training of Trainers; Pedagogical Work, Sporting Goods, Land Reform*

FORMACIÓN DE FORMADORES Y ORGANIZACIÓN DEL PROCESO EDUCATIVO  
DE TRABAJO SOBRE UN PROYECTO DE ÁREAS DEPORTIVAS Y DE OCIO DE LA  
REFORMA AGRARIA

RESUMEN

*En este trabajo se aborda la cuestión de la formación de formadores presentes en la educación superior y, en particular, el Proyecto de Extensión de Formación de Jóvenes Educadores / Sociales para los artículos deportivos en zonas de reforma agraria FEF / UFPA / Castanhal/PA/Brasil. Es un problema de la formación de los estudiantes universitarios que trabajan en la formación de los educadores de jóvenes / el deporte social y de ocio en un entorno comunitario. Construido a partir de la organización del trabajo pedagógico, planificación y organización de acciones de formación para entrenadores y Organización de Estudio, se presentan las acciones desarrolladas en la formación de formadores, sus resultados y los límites y posibilidades de este tema en un proyecto de longitud.*

**PALABRAS CLAVES:** *Formación de Formadores, Trabajo Pedagógico, Artículos deportivos, Reforma Agraria*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude do Campo in: CALDART, R. S. et. al. (org). Dicionário da Educação do Campo, Rio de Janeiro, São Paulo, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CHEPTULIN, Alexandre. A Dialética Materialista – categorias e leis da dialética. São Paulo: Editora Alfa-omega, 1982.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRA, M. C. A relação com o aprender a ser educador: processos formativos de educação de educadores sociais e suas contribuições para a formação de professores - um estudo de caso. 2006. 144f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação.

FERREIRA, M. et. at. FORMAÇÃO DE EDUCADORES E EDUCADORAS SOCIAIS PARA O ESPORTE E LAZER EM ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA. **XVII CONBRACE / IV CONICE**, Brasil, jul. 2011. Disponível em: [http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/XVII\\_CONBRACE/2011/paper/view/2818/158](http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/paper/view/2818/158)  
9. Acesso feito em: 22 Abr. 2012.

FERREIRA, M. P. de A. e BAHIA, M. C. Lazer, Meio Ambiente e Movimentos Sociais: limites, possibilidades de vivências e transformações no meio rural. MOREIRA W.W. e SIMÕES, R. (org.) Educação Física e Produção do Conhecimento: corporeidade, esporte, lazer, saúde, p. 109-130 Belém/PA: EDUFPA. 2009.

IBASE. Juventude e Integração na América do Sul. Disponível em <http://www.ibase.br/modules.php?name=Conteudo&pid=2211>. Acesso em 11 de maio de 2010.

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). “Resumo Técnico- Censo Escolar 2010”. Brasília, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16179](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16179). Consultado em 20.03.2011

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. Estocolmo: Revista Young. v. 4, nº 2, 1996, p. 3-14.

NOVAES, R. Sociedade: juventude e política – (pré) conceitos a questionar. Teoria e Debate. SP: Editora Perseu Abramo, Nº76, março/abril 2008.

SILVA, Jamerson A. de A. da; SILVA, K. N. P. Círculos populares de esporte e lazer: fundamentos da educação para o tempo livre. Recife: Bagaço, 2004.

TAFFAREL, C. N. Z. et.al. Formação de Professores de Educação Física para a Cidade e o Campo. – Universidade Federal de Goiás – Revista Pensar a Prática, vol. 9, n. 2, p. 153-180. Goiânia/GO, 2006.

VALENTE, A. L. E. F., Juventude universitária e processo de formação: uma análise de reações discentes à disciplina Extensão Rural in: FREITAS, M. C. (org.) Desigualdade

social e diversidade cultural na infância e na juventude. São Paulo: Cortez, 2006.